



O DESESPERO COMO MÁ-RELAÇÃO E A MÁ-RELAÇÃO COMO DESENRAIZAMENTO: O QUE KIERKEGAARD E SIMONE WEIL TÊM EM COMUM?

Letícia Kayser*
Matheus Henrique dos Santos*

Resumo:

Essa escrita objetiva situar a obra de Kierkegaard sobre o desespero, com ênfase na má-relação com a síntese finito-infinito (que define o ser humano), na conseqüente instauração da finitude característica da sociedade moderna. Diante disso, Simone Weil contribui para pensar a má-síntese envolvida em uma dimensão social desenraizada, e não somente voltada à existência individual do sujeito, como Kierkegaard pensou. Embora este enfatize a ordem existencial e aquela a ordem ética, demonstram ter percebido na relação infinito-finito um problema quanto a um tipo de desespero, aquele em que o ser humano é interdito de sua condição espiritual autêntica.

Palavras-chave: Desespero, Finito, Infinito, Desenraizamento, Trabalho.

LE DÉSESPOIR COMME MAUVAISE RELATION ET LA MAUVAISE RELATION COMME DÉRACINEMENT : QU'ONT EN COMMUN KIERKEGAARD ET SIMONE WEIL ?

Résumé : Cet écrit vise à situer l'œuvre de Kierkegaard sur le désespoir, en mettant l'accent sur le mauvais rapport à la synthèse fini-infini (qui définit l'être humain), dans l'établissement conséquent de la finitude caractéristique de la société moderne. Dans cette perspective, Simone Weil contribue à penser la mauvaise synthèse impliquée dans une dimension sociale déracinée, et non pas seulement centrée sur l'existence individuelle du sujet, comme le pensait Kierkegaard. Bien que Kierkegaard mette l'accent sur l'ordre existentiel et Weil sur l'ordre éthique, ils montrent qu'ils ont perçu un problème dans la relation infini-fini en termes d'un type de désespoir, dans lequel l'être humain est interdit de sa condition spirituelle authentique.

Mots-clés : Désespoir, Fini, Infini, Déracinement, Travail.

Introdução

* Mestranda em Filosofia no PPG de Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

* Psicólogo e Mestrando em Filosofia no PPG de Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).



Tanto Kierkegaard quanto Simone Weil foram críticos ao cristianismo institucionalizado, que teria, para o primeiro, perdido sua dimensão de infinito, bem como extirpado a compreensão de que a fé cristã é um modo de vida que depende de uma escolha, um movimento subjetivo, e não de uma imposição de dogmas; enquanto para a segunda, embora tenha aderido aos valores cristãos e mantido sempre uma preocupação de primeira ordem com esta espiritualidade, justifica sua permanência fora da igreja por nunca ter sentido aquilo que considerava essencial para a conversão, a saber, o impulso subjetivo que deve ser imposto no espírito por Deus e apenas por ele. Considerava também a igreja enquanto instituição um perigo, tanto pelas suas máculas históricas quanto pelo fato de ser coisa social cujo corpo dogmático não implicava necessariamente, para quem a ela aderisse, o sentimento da caridade cristã (WEIL, 2019). A posição de ambos frente a essa diferença não era a defesa de um individualismo exacerbado, mas sim a preocupação acerca da influência da coletividade sobre o indivíduo, de modo que, em Kierkegaard, esse ato individual e subjetivo passasse a ser determinado por outros elementos externos e, em Weil, que a liberdade do pensamento fosse suprimida pela tendência a aderir cegamente ao “nós”, aos princípios de determinados grupos.

A despeito destas críticas e ressalvas, identificavam na tradição cristã e no caso de Weil também na pré-cristã, elementos importantes para fundar uma ética, um sentido que permitisse ao homem ver-se como parte da ordem das coisas, e para a edificação individual que o lançasse mais além da finitude de sua própria vida, que o conectasse, como Weil dirá, com a consciência do destino eterno do ser humano⁹¹, o que modificaria sua relação tanto com a alteridade do mundo quanto com a do outro. Para além das relações com o cristianismo, suas filosofias se fundamentam em categorias similares, como o amor, a relação entre liberdade e necessidade e a graça, embora em cada um assumam sentidos distintos, especialmente porque o cerne da filosofia weiliana é o ato do *trabalho* e, em Kierkegaard, este não aparece como aspecto central, bem

⁹¹ Atente-se aqui para o fato de que Weil fala em destino eterno do ser humano, e não da pessoa. Um ponto central em sua filosofia é a noção de *impessoalidade*, pois a pessoa é composta de preferências pessoais, posições sociais, opiniões etc., enquanto o que de fato é sagrado no ser humano é a sua totalidade (pensamentos, braços, olhos etc.). É isso que há de impessoal no homem e que deve ser respeitado, pois é isso que uma vez ferido desperta o sentimento de injustiça (WEIL, 2016b).



como para a filósofa as questões existenciais, como o sentido da vida ou a formação do *eu* subjetivo e psicológico não são primárias; preocupava-se antes com a relação mais fundamental do homem com o mundo, com a compreensão da complexidade de relações que o constitui em um nível metafísico, espiritual, epistemológico, mas também social, político e ético. O seu objetivo é, em última instância, ético e social, enquanto o de Kierkegaard é existencial e psicológico, ao passo que para ambos é também espiritual.

Dito isto, cabe perguntar o que um filósofo dinamarquês do século XVIII e uma filósofa francesa do século XX poderiam ter em comum? Esta escrita parte do pressuposto de que, embora Simone Weil tenha se aproximado pouco de Kierkegaard⁹² e apesar de ela ter sido contemporânea dos existencialistas que foram diretamente influenciados por tal filósofo — mantendo uma distância destes —, não parece impossível traçar paralelos entre as obras de ambos⁹³. O que procuramos desenvolver aqui é a hipótese de que a filosofia de Simone Weil como um todo (relação indivíduo sociedade, trabalho, espiritualidade, etc.) tem como objetivo tratar da conciliação entre as dimensões finito/infinito (bem como liberdade/necessidade, que também são tematizadas por Kierkegaard, mas que não iremos tratar aqui). Para ir além, buscamos evidenciar de que modo a má-síntese entre essas dimensões, que configura o desespero para Kierkegaard, está presente também na filosofia de Simone Weil, mas a partir da noção de desenraizamento, como fator de impedimento para o reconhecimento da dimensão sobrenatural da vida por conta de uma determinada organização societária. Destacamos que não se trata de defender que o desenvolvimento dado por Weil a questão da relação entre finito-infinito é uma ampliação daquela elaborada por Kierkegaard, mas apenas evidenciar de que forma o diagnóstico deste pode contribuir e pode se aproximar do que a filósofa mais tarde pensa e problematiza na vida social.

⁹² Encontramos, a partir do material que dispomos, duas menções a Kierkegaard em *The notebooks of Simone Weil, volume one*, de 1956 que tratam do desejo em relação ao objeto e do modo de alcançá-lo e da separação dolorosa de um desejo e seu objeto, mas que para Weil é necessária enquanto condição da verdade.

⁹³ Uma aproximação entre ambos no que tange às suas relações com a igreja e posicionamentos éticos pessoais pode ser encontrada em autores como Janiaud (2006), Allen (1983) e Andic (1985).



Como mencionado, sublinhamos que aqui se tratará apenas do desespero que ignora a dimensão do infinito, refugiando-se no finito.⁹⁴

Assim, essa relação será traçada a partir do diagnóstico kierkegaardiano do desespero, desenvolvido nas primeiras páginas de *A doença para a morte* (2022), procurando argumentar que o desespero não seria uma responsabilidade apenas individual, mas ocasionada também pelo meio social a partir da análise de Simone Weil, especialmente com o conceito de desenraizamento. A condição dos sujeitos na modernidade seria de desespero, pois as condições sociais já não permitem uma conciliação entre finito e infinito. Essa conciliação é o cerne do trabalho weiliano, mas ambos dão um destino diferente à questão. Passemos ao texto.

O desespero é a má-relação

Nas primeiras páginas de *A doença para a morte* (2022), escrita sob o pseudônimo Anti-Climacus, Kierkegaard⁹⁵ define o ser humano do seguinte modo:

O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si-mesmo. Mas o que é o si-mesmo? O si-mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o si-mesmo não é a relação, mas que a relação se relacione consigo mesma. O ser humano é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação entre dois. Assim considerado o ser humano ainda não é um si-mesmo. (KIERKEGAARD, 2022, p. 43).

O ser humano é, portanto, uma síntese entre finito e infinito, mas, para chegar a tornar-se si-mesmo, essa síntese, essa relação, deve relacionar-se consigo mesma e uma tal relação que se relaciona a si mesma para constituir o si-mesmo deve ou ter estabelecido a si mesma ou ter sido estabelecida por um outro (KIERKEGAARD, 2022). A partir disso, postula que essa relação só pode ser estabelecida por outro, pois se fosse estabelecida por si mesma, não seria possível que quisesse desesperadamente ser

⁹⁴ O outro aspecto do desespero para Kierkegaard seria aquele pelo qual o sujeito busca repousar no polo oposto, ou seja, na fantasia sobre a qual não se pertence mais ao si-mesmo concreto, existencial, enquanto síntese, mas a uma infinitude puramente abstrata (KIERKEGAARD, 2022).

⁹⁵ Neste trabalho opto por seguir nomeando Kierkegaard como autor das ideias contidas em *A doença para a morte*. Atentos à discussão acerca dos pseudônimos, seguimos o argumento de Teixeira quando esta diz: “precisamos considerar seriamente que Kierkegaard não está assim tão distante de seus pseudônimos. Ele foi seu criador e está ligado umbilicalmente a eles. Ele é o autor de todos os autores. O sujeito histórico a quem devemos celebrar ou criticar, prestigiar ou responsabilizar” (TEIXEIRA, 2022, p. 32).



si mesma, mas apenas poderia querer desesperadamente não ser si mesma. Esse outro que estabelece o si-mesmo é, para o filósofo, Deus.

Assim, o desespero consiste precisamente em uma má-relação da síntese consigo mesma e com o termo que a constitui, mas a síntese não é sempre uma má-relação. Acontece que essa possibilidade está contida na síntese, assim como a de realizá-la corretamente. Para que o desespero não se instaure é preciso, portanto, que a síntese seja corretamente efetuada e que essa relação se relacione com Deus. O indivíduo torna-se si-mesmo, desse modo, quando não tende unicamente para um dos polos da síntese, isto é, quando não se refugia apenas no finito renegando o infinito, ou vice-versa (KIERKEGAARD, 2022). O mesmo ocorre com a liberdade e necessidade, pois, a falta da última faz com que a imaginação possa conduzir um lento processo de seu distanciamento em direção a uma possibilidade infinita, e acabar por descolar o si-mesmo concreto que passa pelo polo de uma condição limitante⁹⁶.

A correta relação entre a síntese consigo mesma e o termo que a constitui, por sua vez, pode ser realizada apenas pelo indivíduo em sua interioridade e por esta razão Kierkegaard (2013) criticou a sociedade dinamarquesa de sua época, isto é, por perceber nela uma tendência de levar os indivíduos a uma aceitação acrítica de seus valores, bem como a própria igreja que pela estatização, pela fixação na temporalidade, buscaria impor de fora algo que está ao alcance apenas do indivíduo e que se realiza internamente. Desse modo, sendo a síntese uma possibilidade apenas para o indivíduo, Roos (2021) analisa o lugar do social nessa investigação kierkegaardiana, entendendo que o filósofo não ignora a determinação social do indivíduo, mas analisa criticamente o limite entre o passo necessariamente subjetivo e as interferências exteriores que buscam determinar o si-mesmo a partir de fora.

Se a correta relação da síntese só pode ser efetivada pelo indivíduo, logo, a responsabilidade por uma má-relação desta consigo mesma e com Deus, que conseqüentemente instaure o desespero, é também do indivíduo. Nesse sentido, a contribuição a qual Kierkegaard se propõe nós a encontramos no subtítulo de *A doença*

⁹⁶ Tendo em vista o recorte proposto aqui, não iremos ampliar a investigação sobre a liberdade-necessidade, com a qual teriam paralelos igualmente profícuos com Simone Weil, uma vez que esta considerava o limite como a lei do mundo: “a impossibilidade é a forma concreta da necessidade” (WEIL, 2023, p. 83). Assim, qualquer ideia de que se possa ultrapassar o limite, isto é, a necessidade, é ilusória.



para a morte: Uma exposição psicológico- cristã para edificação e despertar, psicológica na medida em que se preocupa com a doutrina do espírito subjetivo, e não no sentido atribuído hoje à psicologia, e é cristã pois preocupa-se com a dimensão infinita do ser humano (Deus) e a qual relaciona-se a fé como única possibilidade de superação do desespero (VALLS, 1980). Pretende-se edificante pois deve servir de fundamento para a existência, elevando o ser humano que caiu devido a sua própria culpa frente a Deus (PINZETTA, 2005), e desperta, pois convida o indivíduo à consciência de possuir um si-mesmo. Em suma, o movimento pelo qual o sujeito alcança o si-mesmo só pode ser individual, e o objetivo kierkegaardiano é existencial, é fundar uma existência autêntica.

Ao escolher uma determinada existência que instaura um desespero, o sujeito se torna responsável explícito de sua condição.⁹⁷ O problema que nos aparece diante disso é, como gerar vias de uma responsabilidade integral sobre a própria condição em contexto de coerção e adestramento de determinados modos de vida, ou seja, poderia haver uma má-relação da síntese consigo mesma e com Deus operada a nível objetivo, socialmente produzida?

O desespero do finito é carecer de infinito: uma proposta interpretativa a partir de e em Simone Weil⁹⁸

Kierkegaard (2022) dirá que o desespero da infinitude é carecer de finitude e o desespero da finitude é carecer de infinitude. O primeiro ocorre quando o sujeito ignora a finitude e se dedica à relação com o fantástico, a ideação e a imaginação, aquilo que lança ao ilimitado, à abstração vazia. O desespero da infinitude conduz o sujeito a uma sensibilidade e a um pertencimento abstrato, como, por exemplo, a ideia de

⁹⁷ Para Kierkegaard (2022) não se pode identificar ou julgar o desespero na exterioridade, como na experiência de um outro. Uma pessoa pode aparentar viver bem, casar e ser uma pessoa respeitada, e ainda assim não possuir, em profundidade, um si-mesmo.

⁹⁸ Partimos aqui do princípio de que a relação finito e infinito, mundo material e mundo sobrenatural, dimensão temporal e eterna, pode ser vista como subjacente a todos os escritos weilianos, desde os místicos, como *Espera de Deus* (2019), até os de análise da ciência, da condição operária, e sua obra mais expressiva: *O enraizamento* (2023). Assim sendo, e pelo caráter não sistemático de sua produção — o que compartilha com Kierkegaard — nos atemos a uma interpretação mais livre, não fixada em uma obra ou outra e nem procurando abarcar todos os seus escritos. A vista será, portanto, panorâmica, mas servirá para o que temos como objetivo aqui.



humanidade. Para o autor, a relação com Deus é infinitização, mas, no caso desse tipo de desespero, pode arrastar fantásticamente uma pessoa para longe, de modo que se torne apenas embriaguez (tomemos como exemplo o ascetismo). Já, a respeito do desespero que carece de infinitude, o caracteriza como o excesso de estreiteza, em ter se tornado apenas mais uma repetição, sem originalidade, é quando o sujeito:

deixa como que surrupiar o seu si-mesmo “pelos outros”. Ao ver a multidão ao seu redor, ao ocupar-se com todo tipo de assuntos mundanos, ao adquirir esperteza sobre como andam as coisas no mundo, um tal sujeito se esquece de si mesmo, de como ele, na perspectiva divina, se chama, não ousa acreditar em si mesmo, acha que é arriscado demais ser si-mesmo, muito mais fácil e seguro ser como os outros, tornar-se uma cópia, um número, uma parte da massa (KIERKEGAARD, 2022, p. 66).

Em suma, em ambos os casos o desespero é não conseguir tornar-se si-mesmo por meio da síntese corretamente realizada, pois

Tornar-se si-mesmo é tornar-se concreto. Mas tornar-se concreto não é nem se tornar finito, nem se tornar infinito, pois o que deve tornar-se concreto é de fato uma síntese. O desenvolvimento deve, portanto, consistir em infinitamente afastar-se de si mesmo na infinitização do si-mesmo e infinitamente retornar ao si-mesmo na finitização. (KIERKEGAARD, 2022, p. 62)

Parece-nos, assim, que a questão para Kierkegaard (2022) é encontrar uma espécie de equilíbrio por meio da qual o ser humano não recaia sobre nenhum dos polos da síntese especificamente e, assim, não perca o seu si-mesmo. Esse equilíbrio, essa boa síntese, para ele dependeria da fé como ato subjetivo que possibilita ao ser humano não abdicar do infinito, bem como não se encerrar apenas nele, ela configura-se como um duplo movimento, pelo qual se abandona a finitude para lançar-se na infinitude, mas, paradoxalmente, retorna à temporalidade e à finitude.

Dentro do que propomos como contribuição aqui, ou seja, a partir da aproximação weiliana com a questão, a fé não seria o meio de escapar ao desespero ocasionado pela perda de um dos polos da síntese, pelo menos não da forma como Kierkegaard propõe, mas sim poder-se-ia dizer, uma recuperação da espiritualidade em um sentido mais amplo. Isso será melhor explicado mais à frente.

Compreender esta perda de si-mesmo — que para Kierkegaard representa inautenticidade — em Simone Weil (2023), seria como a perda da compreensão de que



o ser humano possui um destino eterno. Esse destino eterno remonta a uma harmonia originária que aparecia também na concepção dos filósofos antigos e que para Weil foi comprometida de modo irreversível pela Modernidade. Para a filósofa, no processo de nascimento da ciência moderna, quando se operou a ruptura na compreensão do pensamento como mediador com o absoluto, que ultrapassa o sujeito, tornando-se mera ferramenta de sistematização e determinação de leis naturais, não correspondendo mais a uma busca da ordem divina que comporia o universo. Contudo, seria incorreto entender esse apontamento crítico weiliano como uma espécie de negacionismo anticientífico, ao contrário, ela crítica o seu desenvolvimento como abstração pura (sua crítica da álgebra, principalmente), e pensa a tarefa enraizadora da ciência, que seria um recurso do qual os seres humanos dispõem em sua luta com o universo, na realização coletiva e pessoal de suas vidas, e não um meio de dominação ilimitada da natureza. Considera ainda, que a ciência deve tornar clara a relação do homem com Deus⁹⁹, no sentido de sua participação, por meio de seu trabalho, numa ordem transcendente. Ainda diz, sobre este assunto:

A concepção científica do mundo, se bem entendida, não deve ser separada da verdadeira fé. Deus criou este universo como um tecido de causas secundárias; parece haver impiedade em supor buracos neste tecido, como se Deus não pudesse chegar a seus fins sem atentar contra sua própria obra (WEIL, 2016a, p. 37).

Dessa ruptura resulta o *desenraizamento*, mas para entender essa relação entre espiritualidade e desespero a partir dele, é preciso esclarecer em que consiste o *enraizamento* para nossa filósofa:

O enraizamento é, talvez, a necessidade mais importante e mais ignorada da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem uma raiz pela sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros naturais do passado e certos pressentimentos de futuro. Participação natural, isto é, a que se chega

⁹⁹ “Somente Deus, ou qualquer outro nome que se queira usar, é ilimitado.” (WEIL, 1966, p. 271) Nesse sentido, pode-se pensar em Deus análogo, metafisicamente, às categorias de Absoluto ou de Totalidade, da verdade que independe do sujeito no mundo, apesar de também ser o que lhe forma (sua condição espiritual), tudo o que se abre como possibilidade de vir a ser e o que, quando na forma de objeto, aquilo que é transformado pelo trabalho, uma vez que Deus se torna matéria todos os dias para ser consumido pelo homem, e este, por sua vez, entrega-se a Deus pelo cansaço de seu corpo e pela morte (WEIL, 2019; 2023).



automaticamente pelo lugar, o nascimento, a profissão, o círculo social. Cada ser humano precisa ter raízes múltiplas. Ele precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, pelo intermediário dos meios dos quais faz parte naturalmente (WEIL, 2023, p. 53).

Neste conceito, temos clara uma distinção com relação a Kierkegaard: a ênfase na transmissão de valores, conhecimentos e espiritualidade por parte do grupo coletivo em que se vive. Percebe-se, com isso, que a despeito da preocupação weiliana com a submissão do indivíduo à sociedade, ainda há um lugar importante reservado a coletividade, no sentido de que é por meio dela que o sujeito acessa os conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade, que ele acessa uma tradição anterior a ele e que se seguirá muito depois dele. A questão é o limite entre uma influência inevitável e uma coerção que leva a abandonar a sua autonomia de pensar, uma vez que, para ela, “a relação pertence ao espírito solitário, nenhuma multidão concebe a relação” (WEIL, 2023, p. 174). Assim, distingue entre o social e a coletividade: social corresponde para ela, herdeira de Platão, ao grande animal, enquanto que a coletividade é um ambiente humano que proporciona um contato com a natureza, o passado e a tradição, um ambiente que se faz necessário desde o nascimento, como inscrição natural ao homem. Agora, o que gostaríamos de destacar é a participação “real, ativa e natural” na existência dessa coletividade, o que se dá, sobretudo, conforme já mencionamos, pelo trabalho, categoria estruturante da filosofia weiliana. A filósofa entende que não há equilíbrio entre as forças da natureza e o ser humano, pois estas o ultrapassam infinitamente. Esse equilíbrio só existe por meio do trabalho que fornece ao ser humano meios de recriar sua vida (WEIL, 2023). Temos, assim, outra diferença no que concerne à relação interior-exterior em ambos os autores, a de que o ser humano estaria irrecusavelmente lançado ao mundo, condenado a agir nele e a sofrê-lo.

Voltando à questão do desespero, compreendemos a partir de Weil que há sim um desespero que resulta de determinada configuração da vida social, ao menos aquela em que o trabalho perde o sentido de meio real de relação do homem com o mundo e Deus, de participação ativa no meio em que vive, de contribuição para uma tradição. O



ser humano que está afastado deste sentido encontra-se, desse modo, desenraizado¹⁰⁰, inconsciente de sua contribuição ao destino eterno de todo ser humano, e do valor de si mesmo e de seu esforço. Em suma, a origem disso, que posicionamos como análogo do desespero, é procurada por Weil não somente na estrutura subjetiva individual, mas na organização da vida social e como ela afeta a consciência na sua possibilidade de apreensão de uma dimensão sobrenatural da realidade.

Como já mencionado, partimos do diagnóstico do desespero elaborado por Kierkegaard para compreender se este se dá apenas por responsabilidade do indivíduo, e trazemos Weil, pois em sua análise, o que pode ser tomado como a má-relação entre finito e infinito parece ser o que fundamenta em partes o desequilíbrio social característico da modernidade e da forma de vida capitalista. Essa noção de desequilíbrio é importante aqui, pois

Um projeto de Simone Weil de analisar tanto realidades sociais — poder e prestígio — como distinções inerentes à natureza física das coisas — o contínuo e o descontínuo —, a partir de critérios científicos. A lei científica que para ela operava em todos esses âmbitos era a lei de equilíbrio a qual ela faz referência em um dos passos supracitados no qual transpunha claramente a barreira entre a análise do equilíbrio de fluidos para aquela do equilíbrio social (PUENTE, 2022, p. 63).

Assim, uma sociedade orientada apenas pela materialidade estaria em desequilíbrio, bem como uma sociedade que prescindisse da materialidade, fundamentando-se apenas em uma abstração pura ou idealizada, também estaria. As consequências de um tal desequilíbrio seriam sentidas pela insuficiência para suprir determinadas necessidades do ser humano, que são tanto físicas quanto morais e espirituais.

Voltando à questão do desespero, uma análise mais completa e mais profunda teria de levar em conta a compreensão de ambos acerca da consciência¹⁰¹, isto é, qual a

¹⁰⁰ O desenraizamento é um conceito que possui fortes implicações na filosofia política e social de Weil, em especial ao tratar a colonização, como certamente a elabora em *Contra o Colonialismo* (2019b), porém não nos deteremos nestes aspectos aqui, pois valeriam um texto dedicado somente a eles.

¹⁰¹ Sobre a consciência em Kierkegaard há a tese de Natália Mendes, mencionada nas referências deste trabalho, e sobre a consciência em Simone Weil não há um estudo específico dedicado ao problema, mas há em suas obras trechos esclarecedores e excertos de comentaristas que ajudam a compreender o estatuto da consciência em sua filosofia, como o de Vilela-Petit intitulado “Simone Weil, leitora de Marx” contido



relação da consciência individual com a consciência social e mesmo se esta distinção faz sentido, pois na verdade, para Weil não faria. Como se vê, a questão se ampliaria para além de nossas capacidades aqui, portanto, basta ter em mente que para Weil a consciência individual é a existência social (VILELA-PETIT, 2011), isto é, os indivíduos, a depender de estarem em maior ou menor relação com a matéria numa sociedade de classes, formam sua consciência a partir desta relação, apreendendo ou não a necessidade. Os sujeitos pensantes formam a sua consciência por meio do trabalho que age realmente sobre a matéria. Assim, este (trabalho) não deve ser considerado apenas economicamente, mas enquanto atividade privilegiada da relação do homem com o mundo, por meio da qual este cria sentidos ao modificar a matéria e esta matéria o molda também, inclusive em valores morais pelo contato com o limite imposto por ela à realização de sua vontade. Em resumo, não é tão difícil compreender que para ela, o que acontece na estrutura subjetiva do sujeito não se separa completamente de como a vida social irá operar. Tendo isso em vista, vejamos alguns pontos da crítica weiliana que ajudam a pensar essa relação.

O desespero e o desenraizamento

Partimos aqui de dois pontos da crítica weiliana que compõem parte desta ruptura entre finito-infinito a nível social. O primeiro é sua crítica com relação à ciência, mencionada rapidamente no capítulo anterior e expressa sobretudo na coletânea de textos *Sur la Science* (1966), e essa crítica direciona-se tanto à pesquisa quanto ao ensino; o segundo é o papel da religião em meio ao povo, expresso em *O enraizamento* (2023) e em *Espera de Deus* (2019a).

A ciência, de acordo com sua análise, obedece a um desenvolvimento puramente técnico e voltado para as necessidades materiais de consumo em detrimento de um desenvolvimento que tenha em vista também a dignidade do homem, que para ela encontra seu fundamento no sobrenatural (WEIL, 2023). Assim, toda a produção é organizada em torno de demandas de mercado e a máquina subjuga o homem a um ritmo e uma pressão que o esmaga moralmente, isso quando não o mutila fisicamente.

no livro *Simone Weil e a filosofia* (2011), organizado por Maria Clara Lucchetti Bingemer e Fernando Rey Puente.



Um desenvolvimento científico que tivesse em vista a relação entre a dimensão espiritual e material da vida deveria preocupar-se sobretudo com aquele que trabalha, com as consequências do trabalho em seu corpo e espírito.

A crítica à ciência não para no desenvolvimento técnico, mas também se estende ao seu ensino. Para ela a ciência deve ser apresentada ao camponês e ao operário de acordo com a sua realidade. Primeiro, ao camponês, deve-se sensibilizá-lo a uma compreensão de seu trabalho como ato que o liga a uma dimensão sobrenatural da existência. O foco deveria ser na energia, enquanto para os operários deveria ser a mecânica. A ambos deveria ser possível recuperar a relação entre o seu trabalho e as coisas que aprendem, ou seja, que o sol sob o qual aprendem é o mesmo sol sob o qual trabalham e que nutre o alimento que cultivam.

Há aqui uma questão própria da alienação (para usar uma expressão marxiana)¹⁰², que o trabalhador sofre com relação ao seu trabalho e ao seu próprio valor. Nas palavras da filósofa, consiste na

impossibilidade em que se encontram de participar pelo pensamento do conjunto do trabalho da empresa, a ignorância por vezes completa do valor, da utilidade social, da destinação das coisas que fabricam, a separação completa entre a vida do trabalho e a vida familiar (WEIL, 2023, p. 66).

Nesse sentido, através de uma lente weiliana aplicada ao conceito kierkgaardiano, o sujeito, sob estas condições, não seria um si-mesmo, tanto pela ausência de relação com a espiritualidade, ou seja, com a dimensão infinita para a qual o seu trabalho contribui, e nem o seria pois estaria impedido de ver-se alguém que possui valor, que participa do mundo a sua volta, que agindo, age na ordem eterna do Mundo. Sendo assim, a assunção de um sujeito como si-mesmo não teria tanto relação com uma vida autêntica em nível individual, mas ele o seria somente na medida em que não

¹⁰² Simone Weil (2001) foi uma leitora atenta de Marx, especialmente ao tema do trabalho e ao impacto dos modos de produção industriais na vida moral e física do trabalhador. As diferenças que traz em relação a leitura marxiana são os elementos pelos quais são realizados essa dominação e exploração do homem pelo homem. Para ela, não é necessariamente a exploração da mais-valia o fundamento dessa alienação, mas a materialidade dos instrumentos técnicos (a forma como se organiza a matéria num meio técnico) que se impõe sobre o corpo do trabalhador, isto é, basicamente, a inversão entre homem e máquina, entre fim e meio. São esses elementos que, depois, vão estar presentes na concepção dos conceitos de enraizamento e desenraizamento, estes condensados mais além dos termos de uma teoria dos modos de produção, mas de uma teoria propriamente weiliana, que interpela uma contradição fundante da condição humana universal, espírito-matéria, uma preocupação sobretudo metafísica.



estivesse desenraizado e desse modo, estivesse concretizando a síntese entre sua finitude e sua infinitude por meio de seu trabalho.

Essa impossibilidade de participação conceituada por Weil (2023) não se dá apenas pela consciência individual, mas por uma impossibilidade material de construir em sua consciência um sentido que vincule o homem à ordem natural (e sobrenatural) das coisas. A saída para esse estado desenraizado relaciona-se diretamente com a recuperação da dimensão espiritual do trabalho humano, expressa na filosofia weiliana pela noção de espiritualidade do trabalho.

Na sequência, a crítica de Weil também se direciona à função da religião em meio ao povo, pois assim como a relação entre o sol que estudam e o sol que veem se perde no ensino da ciência, também se perde na religião a relação entre o trigo e o vinho com esses mesmos, agora concretos, pelos quais o homem dá um pouco da sua vida (WEIL, 2023). Tal seria a religião em sua perspectiva e, em mais uma diferença que podemos traçar com relação à Kierkegaard, embora esta não deva impor de fora um movimento que deve ser do sujeito, ainda assim possui um papel necessário para relacionar o homem à sua dimensão infinita (isso sem mencionar seu papel na constituição das civilizações, o que seria de interesse e importância histórica por si só), à sua participação ativa e necessária no mundo. A religião, para ela, deveria ser regada de poesia e espiritualidade, entendida como sentido encontrado em seu trabalho que produz valor individual, moral e coletivo. Nesse sentido, reforçamos a crítica de ambos os autores, explicitada na introdução deste texto, acerca da igreja em sua inserção social. Por um lado, ela não pode querer determinar o que é o si-mesmo a partir de fora e por outro lado, não pode esvaziar ainda mais de sentido as verdades contidas no cristianismo, dissimulando suas relações de modo que não se perceba mais a ligação entre o sobrenatural e o mundo material.

Assim, segundo sua análise profunda de todos os âmbitos da vida social, isto é, educação, modo de produção, religião, ciência e outros que não cabem aqui agora, como a arte, Weil, em sua obra, argumenta, procurando demonstrar as consequências tanto para o sujeito quanto para a sociedade, uma vez que ambos estão sempre em relação, de um descolamento da dimensão infinita de nossa existência, que não se produz apenas individualmente pela má-relação da síntese, mas que também é consequência de



determinado modo da vida e da organização do trabalho e da política. Em suma, associamos desespero e desenraizamento, entendendo que em ambos os conceitos está contida uma consideração sobre as consequências da perda da espiritualidade em seu sentido dignificante e ético da existência humana, sendo um ganho, no segundo, a ideia de que a síntese se faz concomitantemente pelo indivíduo e pela coletividade que o compõe e no seio da qual ele vive.

Conclusão

A presente escrita, que teve como objetivo, a partir do diagnóstico kierkegaardiano do desespero, compreendê-lo não apenas à luz da responsabilidade individual pela síntese mal relacionada, mas evidenciar, a partir da filosofia de Simone Weil, a má-relação como fruto do desenraizamento que impede o ser humano de, primeiramente, reconhecer uma realidade sobrenatural e de reconhecer-se como si mesmo, como uma existência que possui valor e potência para realizar-se por si mesma, superando o peso da opressão social. Ressaltamos que o objetivo não foi sustentar que em Weil a questão se apresenta de modo semelhante à como ela está dada em Kierkegaard, em seu desenvolvimento, e sim, apesar disso, mostrar como ambos também não parecem estar completamente distantes, uma vez que carregam em suas filosofias de forma central a preocupação com a relação do ser humano com algo que lhe transcende, seja na figura de Deus ou do Absoluto, simplesmente. Além disso, mostrar que recorrem a categorias similares, como amor, cristianismo, graça, liberdade e necessidade, finito e infinito (que em Weil aparece mais como a dimensão material e a dimensão sobrenatural).

Desse modo, concluiu-se que, a partir de Weil, o desespero pode ser entendido também como sendo uma consequência do desenvolvimento de um determinado modo de existência no qual os sujeitos são privados, pelo próprio desenvolvimento da ciência, da técnica, da economia, da política, da educação e da própria religião institucionalizada, de se haverem com a dimensão sobrenatural, ou infinita, da vida. O ponto chave que precisaria ser considerado em maior profundidade para estabelecer as devidas distinções entre ambos é a sua compreensão da consciência e, também, da relação entre indivíduo e sociedade, entre interioridade e exterioridade, a fim de precisar



em que medida Kierkegaard considera o externo como fator que poderia levar o indivíduo a elaborar uma má-relação. O entendimento mais difundido é o de que o externo tende a determinar o indivíduo e então essa relação da síntese consigo mesma não teria chance de se efetivar, porque só poderia ser efetivada pelo próprio indivíduo em sua subjetividade. Todavia, parece difícil conceber um contexto no qual o indivíduo tivesse liberdade interior total para elaborar uma síntese sem ser influenciado em alguma medida pelo mundo ao seu redor, as instituições sociais e outras pessoas, e que também dispusesse de uma autoconsciência que lhe permitisse identificar até que ponto ele estaria influenciado por outros ou não. A questão valeria o aprofundamento, pois a sociedade poderia afetar o indivíduo de modo que ele perdesse o seu si-mesmo e se deixasse misturar indistintamente entre os outros, constituindo-se de modo que pesasse sobre ele um impedimento de um outro polo, o infinito, pelo excesso de finitização ao qual a modernidade parece estar submetida. Em Weil isso é solucionado através da dimensão do trabalho, que põe o homem *necessariamente* em relação ao exterior, assim, os modos de produção influenciam diretamente no modo de existência e na possibilidade de relacionar-se com a infinitude. Kierkegaard, por sua vez, oferece uma contribuição valiosa do estado da subjetividade quando se desprende de um dos polos da síntese. Desse modo, pensamos que ambos possam complementar-se em suas análises tanto pela dimensão existencial quanto cristã, psicológica, ética e social da condição do ser humano desde a modernidade.

Referências

ALLEN, Diogenes. **Three outsiders: Pascal, Kierkegaard e Simone Weil.** Cambridge: Cowley Publications, 1983.

ANDIC, Martin. Simone Weil and Kierkegaard. **Modern Theology.** 1985.

JANIAUD, Joël. **Singularité et responsabilité. Kierkegaard, Simone Weil et Levinas.** Paris: Champion, 2006.



KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Pós-escrito às migalhas filosóficas vol. I**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **A doença para a morte**. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

PINZETTA, Inácio. O edificante em Hegel e Kierkegaard. **Filosofia Unisinos**. 2005.

PUENTE, Fernando Rey. A formação da noção de contradição na filosofia de Simone Weil. **Revista Síntese**, v. 49, n. 153, p. 55-67, 2022.

ROOS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

TEIXEIRA, Natália Mendes. **O que um filósofo da existência ainda tem a dizer sobre a consciência? Kierkegaard e o problema da Bevidsthed**. Tese (Doutorado em Filosofia) — Programa de Pós-graduação em Filosofia, Unisinos. São Leopoldo, p. 305. 2022.

VALLS, Álvaro. **Der Begriff "Geschichte" in den Schriften Søren Kierkegaards. Inaugural**. Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde. Heidelberg: Ruprecht-Karls-Universität, 1980.

VILELA-PETIT, Maria da Penha. Simone Weil leitora de Marx. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; PUENTE, Fernando Rey. **Simone Weil e a filosofia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.

WEIL, Simone. **The notebooks of Simone Weil, volume one**. New York : G. P. Putman's Sons, 1956.

WEIL, Simone. **Sur la science**. Paris: Gallimard, 1966.

WEIL, Simone. **Opressão e Liberdade**. Bauru: EDUSC, 2001.

WEIL, Simone. **Carta a um religioso**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016a.

WEIL, Simone. **Pela supressão dos partidos políticos**. Belo Horizonte: Âyiné, 2016b.

WEIL, Simone. **Espera de Deus**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019a.



WEIL, Simone. **Contra o Colonialismo**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b.

WEIL, Simone. **O enraizamento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2023.